

AOS MEUS AMIGOS

Cleonice Berardinelli

De alguns anos — bastante numerosos — para cá, venho recebendo, dos colegas da minha Faculdade e, sobretudo, do meu Setor de Literatura Portuguesa, manifestações que me tocam o coração. Tudo lhes é pretexto para se reunirem e planejarem um encontro em que me digam palavras de louvor — sempre exagerado! — e de afeto. Em 1984, quando inauguramos o nosso Seminário Permanente de Estudos Portugueses, de que me fizeram Presidente, lembraram-se de que também se deveriam festejar os meus quarenta anos de magistério na UFRJ. E o fizeram, pela voz de um dos nossos — Jorge Fernandes da Silveira —, em palavras que não esquecerei.

Em 1986, nossa Universidade me concede o título de Professora Emérita e outra colega — Célia Teresinha Guidão de Oliveira — fala por todos, mantendo o tom, mudando apenas o timbre.

Em 1992, nossa Faculdade faz-me patrona do seu Segundo Congresso Internacional, e novamente, na abertura, ouço a expressão do afeto de que me dão prova mais uma vez, na voz de Margarida Alves Ferreira.

Em 1994, completo o meu jubileu na UFRJ e as demonstrações de carinho explodem com força maior: une-se esta universidade à PUC-Rio, onde eu trabalhava havia trinta anos, e ambas me acumulam de benesses: um Encontro onde se agrupam colegas brasileiros e portugueses, uma linda exposição e um belíssimo livro de homenagem que foi publicado em 1995, dentro das comemorações dos setenta e cinco anos da UFRJ.

Em 1996, decidem não deixar passar em branco uma data, já não acadêmica, senão puramente cronológica: a dos meus oitenta anos. E realizam um Seminário, mandam rezar uma missa em ação de graças e agregam os amigos em um jantar no Palácio São Clemente — espaço altamente significativo para quem tem passado a vida a celebrar a inteligência portuguesa.

As participações no Seminário — notáveis conferências e comunicações feitas por colegas e amigos que se integraram nesta comemoração — incluem-se neste número da revista *Convergência Lusitana*, do Real Gabinete Português de Leitura, organizado por Gilda Santos, minha colega e querida amiga. Mais

uma vez, esta instituição cultural abriga uma manifestação de apreço à sua velha amiga, imprimindo a palavra erudita e elegante dos colegas e amigos que, de um modo ou de outro, se integraram nesta comemoração.

Tanto empenho, tanta simpatia merecem, exigem, um agradecimento. Para fazê-lo estou aqui, a estender-lhes a mão, a abraçá-los e a retomar, no fundo do coração, o que disse em uma das datas aqui lembradas, e agora com mais forte razão, pois que as provas de amizade se sucedem e se potencializam à medida que se vão somando. Se um dia eu tivesse sonhado a mais ousada das utopias, não a imaginária tão bela como a eutopia que vêm criando para mim, há mais de duas décadas, os meus amigos. Só posso dizer-lhes, mais uma vez: obrigada!